

Perplexidade invade Congresso

RAYMUNDO COSTA

BRASÍLIA — Quando assumiu o governo, em março de 1990, o presidente Fernando Collor prometeu deixar a esquerda perplexa e a direita indignada. Ontem, no inicio da votação do Plano Collor 2, a perplexidade grassava à esquerda e à direita. O PDS, o PL e o PT, por exemplo, ameaçavam votar juntos contra a unificação das datas-base. E a galeria, predominantemente de esquerda, interrompeu duas vezes com aplausos um pronunciamento do ex-líder do PDS, Amaral Neto, que não cansa de se proclamar como sendo de direita.

"Você já pode se filiar ao PT", ironizou o ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel (PDS-MG) quando Amaral desceu aplaudido da tribuna.

Perto dali, o líder do PF, Ricardo Izar (SP) explicava por que até a tarde de ontem ainda não havia retornado um telefonema do presidente Collor: "No PL não vai mais haver influência externa de ninguém."

Na terça-feira, Collor ligou para os líderes de quatro partidos — PTB, PDS, PDC e PL — que até há pouco tempo se alinhavam automaticamente com o governo, mas que agora preferiram ficar de fora do bloco de apoio parlamentar que o Palácio do Planalto montou na Câmara.

DÚVIDAS NA LIDERANÇA

Ontem os líderes assegura-

vam que seus partidos votariam com os projetos de conversão apresentados pelos relatores, ressalvados os destaques (o projeto é aprovado como um todo, exceção feita a alguns artigos que são votados separadamente). Mas havia dúvidas quanto à real ascendência dos líderes sobre os liderados.

Os líderes do PTB, Gastone Righi (SP), e do PDC, Eduardo Siqueira Campos (TO), também tinham dúvidas acerca do comportamento de seus liderados em questões específicas. "Não há mais lideranças naturais no Congresso, apenas as institucionais, e elas serão colocadas à prova nessas votações", especulava Abi-Ackel.

Os deputados Delfim Neto (SP) e Roberto Campos (RJ) exigiam uma reunião da bancada, para que ela tomasse posição contra todo o pacote.

Mesmo no bloco governista, formado pelo PFL e pelo PRN, ouviam-se vozes dissonantes. No gabinete da liderança do governo, um parlamentar qualificava o governo de "predador" — primeiro fritou o ex-líder Renan Calheiros (AL), depois criou embaraços para Gastoni Righi, Ricardo Fiúza e Arnaldo Faria de Sá.

E mais: o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que deveria ser o articulador político do governo, está inteiramente à margem das negociações, efetuadas diretamente pela equipe econômica com os parlamentares da oposição.